

Prisões desativadas, museus e memória carcerária.

Prisons disabled, museums and prisons memory.

Claudio do Prado Amaral¹

Resumo: O trabalho usou de método que avaliou diversos locais em 17 países, incluindo o Brasil, onde foram preservadas parcial ou totalmente prisões já desativadas e respectivos museus, atualmente destinados à visitação, para fins de cultura e lazer. Como resultado, verificou-se que os significados que referidas instituições e estruturas tiveram nas respectivas nações podem ser percebidos pelos visitantes, com a formação de importantes saberes para as gerações futuras, a fim de que os equívocos do passado não se repitam. Foram feitos contatos com administradores de alguns dos locais pesquisados, visitas aos sites respectivos, bem como visitas presenciais. Afinal,

1 Professor Associado da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto-USP, na disciplina de direito processual penal. Coordenador do Grupo de Estudos Carcerários Aplicados da USP. Pesquisador do Observatório Nacional do Sistema Prisional - Departamento Penitenciário Nacional do Ministério da Justiça/UFMG. Graduado, especialista, mestre e doutor em direito pela Faculdade de Direito da USP - Largo São Francisco. Livre docente pela Faculdade de Direito de Ribeirão Preto - USP. Juiz de direito desde janeiro de 1991.

como conclusão, afirma-se que há severo contraste com a política pública respectiva no Brasil, uma vez que importantes locais que outrora serviram para o encarceramento, hoje estão mal preservados, em ruínas, ou até mesmo, foram implodidos, possibilitando a conclusão de que, diversamente de outros países que não esconderam seus erros carcerários, o Brasil tenta ocultá-los.

Palavras chaves: Políticas públicas - prisões - preservação do patrimônio - memória carcerária

Abstract: The paper applied method explored various locations on seventeen countries, including Brazil, where they were preserved already partially or totally disabled prisons, and respective museums. Such places are currently intended to visit for purposes of culture and entertainment. As a result, it was found that the meanings these institutions and structures were in their nations may be picked up by visitors, and then forming important knowledge for future generations, so that the mistakes of the past are not repeated. Contacts were made with managers of some of the places, visits to their websites as well as in-person visits. After all, as a conclusion, there was severe contrast between the others countries public policy and Brazil, where important places that once served for incarceration today are poorly preserved, in ruins, or even have imploded, which means, differently other countries that did not hide their prisons errors, Brazil tries to occult them.

Key words: Public policies - prisons - preservation of patrimony - custodial memory

Introdução

A preservação do patrimônio histórico e cultural é um direito fundamental previsto na Constituição Federal (CF), no art. 216. Sua relevância provém do fato de portarem referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O rol do art. 216 é exemplificativo, sendo que entre os bens que compõem o patrimônio cultural brasileiro estão os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico, conforme inciso V daquela norma (MIRANDA, 2006, p. 16).

A efetivação desse direito fundamental é feita através da correspondente política pública de preservação, prevista no parágrafo 1º do citado artigo, que ordena ao Poder Público, com a colaboração da comunidade, promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

As questões que nos interessam delimitar são a preservação de estabelecimentos penais desativados e a estruturação de respectivos museus ou memoriais. A história do sistema prisional brasileiro vem marcada pelo crescimento exponencial da população respectiva, crueldades diversas, debilidade da presença do Estado, má gestão e desinteresse da sociedade. São traços que não podem, nem devem, ser apagados. Pelo contrário. Devem ser recordados, para que os erros do passado não se repitam, com a efetivação de políticas públicas adequadas.

Uma das mais eficientes para tal efetividade é a preservação de estabelecimentos penais desativados, que já não recebem mais condenados e acusados. Não somente a preservação, mas também a respectiva estruturação de memoriais ou a musealização anexa é indispensável. Juntos,

esses procedimentos são capazes de provocar importantes reflexões por parte dos visitantes sobre os graves desvios praticados em tema de encarceramento.

O tema prisional desperta curiosidade. Há interesse de muitas pessoas sobre o encarceramento de indivíduos e dos assuntos relacionados, tais como detalhes sobre o motivo do encarceramento (criminal ou político?), o crime cometido, duração da pena, quem são os detentos mais conhecidos que estiveram em determinada prisão e, em especial, o local e a rotina da prisão.

Nesse contexto, encontram-se abertas ao público, em diversos países, algumas prisões, atualmente desativadas, com museus ou memoriais anexos. Chama a atenção que tenham se tornado verdadeiros pontos turísticos, todavia, também, preservando uma relevante memória de muitos erros e ignomínias.

Método.

O presente trabalho começou em 2013. Inicialmente, consistiu em eleger determinados países notoriamente conhecidos pela atividade positiva de preservar sítios históricos, acreditando-se que também teriam prisões desativadas preservadas ou reformadas para visitação, bem como museus ou memoriais.

Após, passou-se à coleta de dados. Realizaram-se pesquisas pela internet para identificar prisões desativadas e abertas à visitação nos respectivos países. Foram enviados e-mails com questionários abertos aos dirigentes desses pontos. Os questionários, formulados em modelo padronizado, indagaram sobre a quantidade de visitantes, a importância destes lugares e os motivos que levam as pessoas a visitá-los. Referida etapa foi cumprida com apoio

do Grupo de Estudos Carcerários Aplicados da Universidade de São Paulo (GECAP-USP), sob coordenação do docente subscritor, a quem também coube a conferência, análise e interpretação os dados. Uma parte dos locais foram visitados pela internet e outros fisicamente (Ushuaia, Alcatraz, Robben Island, Memorial da Resistência, Ilha Anchieta, Ilha Grande, Carandiru e Museu Penitenciário). O objetivo das visitas físicas foi experimentar a condição de um visitante, identificar as informações mais expressivas que chegam a esse indivíduo e quais as reflexões que lhe são provocadas pelo local.

A análise de unidades prisionais desativadas abrangeu dezessete países, incluindo o Brasil e foi devidamente documentada. A atividade principal consistiu em perscrutar a memória histórica guardada pelas prisões dos países eleitos, bem como realizar uma análise comparativa crítica acerca do grau de preservação e respeito à memória das prisões brasileiras.

1. Prisões estrangeiras e a memória viva.

A pesquisa localizou inúmeras unidades prisionais ao redor do mundo que, desativadas, funcionam como bem aproveitados pontos de cultura, lazer ou turísticos, anualmente visitados pelos mais variados grupos de pessoas. Tais prédios transformaram-se em museus, hotéis, bibliotecas e até mesmo área pública de convívio, e em comum, guardam a memória e a história de uma importante parte do sistema prisional respectivo.

Em boa parte dos locais visitados, causou alguma estranheza a existência de lojas vendendo artigos relacionados à prisão, como itens para o dia-a-dia de uma casa, ou mesmo peças de decoração. O passado triste desses locais não parece

ser compatível com um lazer consumista. Todavia, isso não chegou a ser propriamente avaliado negativamente, uma vez que esse comércio representa uma fonte de renda legítima para esses locais.

Por outro lado, a inserção desses locais em um contexto turístico pareceu, inicialmente, sugerir certa minimização dos dramas ali vividos. Entretanto, consideramos mais importante a forma como as comunicações e mensagens que cada local transmite aos visitantes, que as posturas que cada indivíduo assume ao recebê-las. Muitos locais visitados, aliás, possibilitam a imersão do visitante no modo de vida de uma prisão.

Conforme se apurou, através de entrevistas e questionários, as razões que levam as pessoas a visitar locais que abrigaram condenados pela justiça e acusados de crimes (políticos ou comuns) aguardando julgamento são muito diversas, podendo ser identificadas, principalmente, a curiosidade pelo estigma histórico dos presidiários, o modo de vida em uma instituição total² e o interesse pela arquitetura local.

O aspecto arquitetônico das prisões é também importante razão pela qual um presídio é preservado e aberto para visitação. Diversas penitenciárias foram erguidas na Idade Média. Outras possuem aspectos do Renascimento. É possível saber, muitas vezes apenas ao divisar a fachada, o grau de desenvolvimento técnico atingido pela engenharia e arquitetura da época, refletida nas construções. Mais que isso, tais edificações penitenciárias refletem a própria

2 O termo instituição total foi cunhado por Erving Goffman, ao estudar uma instituição de saúde mental, nos anos 50 do século XX. Suas pesquisas revelaram um ambiente totalmente controlado, standardizado e sancionador para aqueles que estão nele inseridos. As características de uma instituição total estão presentes em prisões, razão pela qual são assim classificadas também.

concepção que a sociedade e o Estado tinham sobre aqueles que eram levados para trás das grades.

Por outro lado, inúmeros presídios, apesar de erigidos com uma estética comum, guardam profunda ligação com a identidade de um povo ou com grandes eventos que marcaram a história das nações e da própria humanidade. As prisões que também contam com museus ou memoriais potencializam as reflexões dos visitantes.

2. Os países que preservaram a memória carcerária.

Nenhum país pode se orgulhar de ter construído prisões. Sob a perspectiva histórica atual, toda prisão foi desumana. Até mesmo aquelas consideradas “modernas” ou “mais humanizadas” ao seu tempo, são hoje apenas quadros de um passado cruel. O que importa destacar aqui é o fato de que diversos países assumiram um posicionamento altivo e não permitiram a destruição dos prédios utilizados como cárcere nem de seus respectivos entornos. Suas edificações podem ser visitadas por quem quer que se interesse.

2.1. Estados Unidos da América EUA).

Os EUA possuem a maior população carcerária do mundo e também se destacam na temática do penitenciarismo. No Estado da Filadélfia encontra-se preservada uma importante referência penitenciária para o mundo: a *Eastern State Penitentiary*. Inaugurada em 1829, de um lado, a unidade foi pioneira na adoção do regime de solitária sobre seus prisioneiros.

De outro lado, tornou-se modelo para outras prisões não somente norte-americanas, mas de outros países ao re-

dor do mundo, uma vez que sua arquitetura representava um dos mais modernos edifícios nos EUA, pois comportava sistema de esgoto e aquecimento central, que sequer haviam na Casa Branca.

Fechada em 1971, as instalações do presídio foram reabertas em 1994, ainda que não inteiramente conservadas, e passaram a ser um dos pontos turísticos mais ricos em curiosidades, cultura e história. Exemplo disso é a existência de um hospital no interior da penitenciária, o qual se prestava não apenas ao pronto-atendimento, mas também como local de cirurgias, considerado um dos mais modernos à época.

A cada ano, essa prisão recebe a visita de ao menos 100 mil turistas, motivados por razões diversas, dentre as quais a fotografia do lugar; a curiosidade de buscar um passeio peculiar, que muitas vezes abrange sensações de medo ou até mesmo crenças na paranormalidade; aspectos educacionais (estudantes de psicologia, arquitetura e direito), etc (KELLEY, 2011, p. 28.).

Ainda no território norte-americano, a pesquisa abarcou também as unidades prisionais de *Old Vermilion Jailhouse* (Estado de Ohio) e da *Old Jail de Wiscasset* (Estado de Maine) que representam o sistema *jailhouse*, conceito surgido no início do século XX que designava o modelo de prisão administrado pelos municípios, e não pelos Estados.

O valor histórico das *Jailhouses* é enorme. Suas instalações foram reestruturadas e contribuem para a preservação do patrimônio histórico local, tendo se transformado em bibliotecas e museus. Algumas foram adquiridas por particulares e transformadas em pousadas, que oferecem a experiência de repouso em uma cela que, no passado, abrigou condenados. Esse é o caso da *Old Vermilion Jailhouse*, construída em 1910, em Ohio.

Os principais motivos que levam as pessoas a visitarem tais locais são o interesse em conhecer a realidade da vida

dos prisioneiros do passado, bem como a curiosidade pelo tema, em grande medida despertada pela indústria de Hollywood, que produz filmes e seriados envolvendo o tema do encarceramento³.

Em tema da arquitetura prisional, a *Old Jail de Wiscasset* (1811) chama a atenção dos visitantes devido a sua construção granítica, do século XIX, que contrastava com as casas do vilarejo. É uma atração turística que desperta o interesse por possibilitar uma visão do sistema penal do início do século XIX, bem como sobre como viviam os presos naquela época.

Entre todas as prisões visitadas nos EUA, *Alcatraz* é provavelmente a mais conhecida. Foi inaugurada em 1934 como sendo a mais segura prisão do mundo e destinada a receber os criminosos mais perigosos e os membros do crime organizado que foram presos pelo FBI na primeira metade do século XX. O prisioneiro mais conhecido que esteve lá foi Al Capone.

Apelidada “*The Rock*”, ficou conhecida como a primeira prisão de segurança máxima do planeta e por ser a maior prisão de concreto existente. A arquitetura daquele estabelecimento penal foi especialmente concebida para ser a prova de fugas. As barras de aço das grades eram famosas por serem inquebráveis e impossíveis de serem cortadas. O sistema de trancas das 600 celas não usava chaves e o travamento era feito por meio de um único mecanismo externo controlado pelos guardas no fim de cada seção de celas. As celas eram individuais e foram usadas toneladas de concreto nas paredes. *Alcatraz* foi erguida na Baía de São Francisco, em uma ilha distante mais de dois quilômetros da praia. Suas águas extremamente geladas tornavam impossível uma fuga a nado.

3 Conforme informações prestadas pelo presidente da Old Vermilion Jailhouse, Mr. Markos Paradissis.

Assim mesmo, relatórios informam o desaparecimento de alguns prisioneiros, o que provocou teorias e especulações sobre suas fugas ou mortes nas águas da baía. Conforme entrevista realizada com um dos guias turísticos do local, milhares de pessoas visitam aquele local todo ano, movidos pela atmosfera de mistério que cerca o local cujo encerramento das atividades se deu em 1963, após 29 anos de funcionamento. Ademais, a arquitetura à prova de fugas é também motivo de grande curiosidade. Entretanto, Alcatraz usava a água do mar em suas instalações e isso corroe algumas estruturas, afirmando-se que tal fato teria facilitado algumas fugas. Devido aos altos custos para a sua manutenção, recomendou-se sua desativação. Referido estabelecimento penal inspira até hoje a produção de filmes, séries de televisão e livros.

2.2. Canadá.

O Canadá também abriga presídios que hoje funcionam como pontos de cultura e lazer e que, por essa razão, preservam parte da história local.

A pesquisa identificou o presídio *Carleton County Gaol*, construído em 1862 e localizado em Ontário. Foi a principal cadeia de Ontário, conhecida por suas condições muito desumanas. Cessou suas operações em 1972 e, já no ano seguinte, passou a funcionar como albergue. Tendo seu nome alterado para *Ottawa Jail Hostel*, seu principal escopo é a preservação do prédio como marco histórico. A pesquisa apurou que, no ano de 2015, aproximadamente 30 mil pessoas se hospedaram nas suas dependências.

Localizado em Toronto, um outro presídio desativado, conhecido por *The Old Don Jail* (1864), foi restaurado e integra as novas instalações da *Bridgepoint Active Healthcare*, que é

um complexo médico integrado à Universidade de Toronto. *The Old Don Jail* foi construída para ser a alternativa mais humana em relação as três prisões existentes à época em Toronto. Foi fechada em 1977 e após reformada passou a servir de instalações para os gabinetes e escritórios do complexo médico. No local também funciona um museu, onde é contada toda a história daquele local.

2.3. Japão.

No Japão, a pesquisa encontrou um importante presídio desativado e que se tornou ponto de visitação: o *Abashiri Prison Museum*, em Hokkaido. A direção daquela instituição se define como um museu a céu aberto. Quem visita *Abashiri* vê manequins em representações das atividades cotidianas no presídio.

A história da prisão e a da vila de *Abashiri* são muito próximas, sendo que a vila tornou-se conhecida, em muitos momentos, graças à prisão que nela se instalara. Atualmente, as visitas são motivadas pela arquitetura da prisão, considerada moderna para sua época, e pela existência de um museu de penologia no mesmo local. Pode se verificar que a prisão – desde meados do século XIX – já se utilizava de um modelo panóptico, que permitia a vigilância sobre cinco grandes corredores com celas.

2.4. Reino Unido.

O Reino Unido abriga vários estabelecimentos prisionais desativados, cujas construções são visitadas por turistas de todo o mundo, com foco no passado e história dos cárceres.

Em Aberdeen, na Escócia, o *Tolbooth* é um dos prédios mais antigos do país e uma das mais bem preservadas prisões

do século XVII. Denominada *Tolbooth Prison Aberdeen*, a edificação mantém várias de suas características originais e permite um mergulho na atmosfera dramática e sombria daquele estabelecimento penal. A edificação também contém um museu onde se pode conhecer o desenvolvimento da cidade e a história do crime e das penas naquela localidade.

Em *Littledean Jail*, destaca-se a preservação da arquitetura datada de 1791. Justamente em razão da arquitetura, foi referência para outros estabelecimentos penais de sua época. No interior do prédio existem diversas informações sobre a sua respectiva história. É um prédio listado como Grau II⁴.

Joseph Marshall, um trabalhador de 19 anos, foi o primeiro detento. Seu crime foi o furto de uma espada. As condenações em *Littledean Jail* variavam desde pequenos roubos, prostituição, deserção militar, fraude e abuso, até condenações por homicídio. Crianças de apenas 8 anos eram encarceradas, chicoteadas e mantidas em confinamento solitário. A última mulher condenada por bruxaria no condado de Gloucestershire, Ellen Hayward, foi julgada na prisão de Littledean, conduziu a própria defesa e foi absolvida.

Kilmainham Gaol é uma das maiores prisões desocupadas da Europa, localizada em Kilmainham, a poucos quilômetros do centro de Dublin, na Irlanda. É agora um museu administrado pelo Serviço de Obras Públicas, um órgão do Governo da Irlanda. Muitos revolucionários irlandeses, incluindo os líderes do *Easter Rising* - que foi uma insurreição armada irlandesa contra o domínio britânico ocorrida durante a Semana Santa do ano de 1916 - foram presos e executados nessa prisão.

4 A categoria de Grau II significa que o prédio em questão é particularmente importante, possuindo interesse mais que especial.

A *Kilmainham Gaol* fez parte de alguns dos eventos mais heroicos e trágicos no surgimento da Irlanda como uma nação, desde 1780 até 1920, sendo inclusive conhecida como a “Bastilha Irlandesa”. As atrações incluem uma grande exposição que detalha a história política e penal da prisão e sua restauração. O tour da prisão inclui uma mostra audiovisual. Foi construída em 1796 e não havia segregação de prisioneiros: homens, mulheres e crianças foram encarcerados até cinco em cada cela, com apenas uma única vela para a luz e calor. Cada vela tinha que durar duas semanas. Uma cela possuía, aproximadamente, 28 m².

Após um período de abandono, o Comitê de Restauração Kilmainham Gaol foi criado em 1960 para preservar a prisão como um monumento do nacionalismo irlandês. O trabalho voluntário durou quase trinta anos até que a prisão foi entregue para o Estado em 1986. Hoje Kilmainham Gaol recebe visitantes de todo o mundo.

Ruthin Gaol é uma prisão inspirada no estilo *Pentonville*⁵. Foi uma prisão masculina localizada ao norte de Londres, em Ruthin, Denbighshire. Deixou de ser uma prisão em 1916, sendo que, em 2004, a prisão foi reformada e reabriu como um museu. Nessa extinta prisão, as pessoas podem passar o tempo explorando e aprendendo sobre a vida no sistema prisional vitoriano. É possível conhecer como os prisioneiros viveram suas vidas diárias: o que comiam, como trabalhavam e as punições que sofriam. Além disso, pode-se contratar *Ruthin Gaol* para eventos, festas, reuniões, casamentos e cerimônias civis – o que parece incompatível com o passado do local.

5 Trata-se de modelo britânico para prisões, inovador para sua época, que impunha o isolamento de mais de quinhentos prisioneiros e ao mesmo tempo permitia a vigilância sobre todos, dispostos em cinco raios ou galerias de celas. Tratava-se de uma variação do sistema panóptico, mas que com este não se confundia.

Em *Inveraray Jail & County Court* há uma prisão e um tribunal do século 19 localizados em Argyll & Bute, na Escócia. Durante os anos de 1820 a 1889 foi utilizada como uma prisão. Hoje há no local um museu bem estruturado e iterativo.

Trata-se de um dos complexos de edifícios históricos mais bem preservados de prisão e tribunal do mundo. O local conta também com visitas guiadas e permite aos visitantes perceber as diferenças entre uma antiga prisão e uma contemporânea, motivando-os a fazer importantes reflexões.

O Castelo Lincoln foi construído em Lincoln, na Inglaterra durante o final do século 11 por William, o Conquistador, no local de uma fortaleza romana pré-existente. Permaneceu em uso como uma prisão e tribunal em tempos modernos (*Lincoln Castle's Victorian Prison*), e é um dos castelos em melhor estado na Inglaterra. Os Tribunais da Coroa continuam em atividade até hoje. É aberto ao público como um museu. Ainda é possível caminhar em torno das imensas paredes, as quais proporcionam uma bela vista sobre o complexo do castelo, juntamente com vistas panorâmicas sobre a catedral, a cidade e a paisagem circundante.

A prisão do castelo foi projetada para um regime de isolamento que mantinha os presos “distantes da influência corruptora de seus companheiros de prisão”. Os vitorianos acreditavam que isso iria encorajá-los a refletir e se arrepender. Mas, este sistema nunca foi plenamente implementado devido à superlotação inicial, a uma febre que assolou a prisão, bem como, a pouca colaboração dos magistrados. Por volta de 1878, os elevados custos de funcionamento e o declínio do número de prisioneiros levaram ao fechamento da prisão apenas 30 anos após sua abertura.

Homens, mulheres e crianças a partir dos oito anos foram presos nesta prisão entre os anos de 1848 e 1878 por

crimes que vão desde furtos até homicídios. Durante esse tempo, sete assassinos foram enforcados no castelo e seus corpos enterrados na Torre Lucy, onde seus túmulos ainda podem ser vistos.

De 2010 a 2015, o Castelo Lincoln passou por um grande projeto de restauração que envolveu a restauração das divisórias do castelo e a criação de uma “Caminhada Medieval” no topo dos antigos baluartes do castelo, bem como a restauração e reinterpretação da prisão vitoriana e a construção de uma nova abóboda para abrigar a Magna Carta e a Carta da Floresta, com um cinema para exibição de filmes sobre os documentos.

O Castelo de Oxford é um castelo medieval localizado em Oxford, no condado de Oxfordshire, na Inglaterra. O castelo foi construído pelo barão normando Robert D'Oyly. A construção original do século XI provavelmente era em sua maior parte de madeira, mas no século XII o castelo foi expandido em pedra.

O prédio passou a servir como prisão local após a guerra civil inglesa. As famílias locais mais influentes o comandavam e lucravam recebendo dinheiro dos prisioneiros em troca de suprimentos. Em 1770, o reformador de prisões, John Howard, visitou o castelo muitas vezes e criticou sua dimensão e qualidade, inclusive a infestação de vermes no local. Após, as autoridades do condado de Oxfordshire decidiram reconstruir a prisão.

Em 1785, o castelo foi comprado pela Justiça do Condado de Oxford e a reconstrução foi conduzida pelo arquiteto William Blackburn, o principal de sua época especializado em prisões. Em 1888 foi renomeada como Prisão HM de Oxford. A partir de 1954, as partes mais antigas do castelo se tornaram prédios listados em Grau I⁶.

6 Um prédio listado, no Reino Unido, é aquele que foi colocado na Lista

A prisão foi fechada em 1996, e o local revertido ao Conselho do Condado de Oxfordshire, responsável por restaurar o prédio e transformá-lo em um complexo de herança histórica - um *scheduled monument* - semelhante ao tombamento histórico no Brasil.

A Velha Prisão de Buckingham localiza-se na cidade de Buckingham, e foi construída em 1748 como um castelo. Nos anos 50 passou a funcionar como loja de antiguidades, e em 1985 o prédio foi resgatado pela associação *Buckingham Heritage Trust*, para que fosse transformada em museu e local histórico, aberto à visitação em 1993. Hoje o museu apresenta a história da antiga prisão, como a visita a algumas das celas originais do prédio, e também da vida na cidade de Buckingham, através da coleção Flora Thompson, além de algumas exposições da *Buckinghamshire Military Trust*.

A prisão "*The Clink*" localizava-se dentro do palácio de Winchester, residência de Henry de Blois, Bispo de Winchester em 1129, em Southwark, um distrito de Londres, Inglaterra. A construção do palácio foi finalizada em 1144 contendo duas penitenciárias em seu terreno, sendo uma masculina e a outra feminina.

A partir do século XIV a prisão passou a ser referida pelo nome "*The Clink*", cuja origem incerta é atribuída a uma onomatopeia referida ao som das batidas no metal do qual as portas da prisão eram feitas, ou das correntes dos prisioneiros. Mais tarde também passou a ser uma gíria para *prisão*, originando a expressão "*to be thrown in The Clink*" (ser jogado no tilintar). Foi cárcere de muitos criminosos historicamente significativos. Os prisioneiros eram maltratados, mas aqueles que possuíam dinheiro e amigos influentes frequentemente pagavam os carcereiros,

Estatutária de Prédios de Interesse Especial Arquitetônico ou Histórico. A categoria de Grau I significa que o prédio é de interesse excepcional.

os quais eram muito mal pagos e acabavam aceitando esse tipo de suborno para melhorar sua renda, dando-lhes em troca cama, velas, comida, quartos externos, mulheres e até mesmo conduzi-los a bordéis.

O local funcionou como penitenciária até 1780, quando foi invadida pela Associação de Protestantes, que libertou todos os prisioneiros e incendiou o prédio. A prisão nunca foi reconstruída. Hoje, o museu da antiga prisão localiza-se no terreno original e tenta recriar as condições da penitenciária, oferecendo visitas guiadas.

A Antiga Prisão de Hexham é o mais antigo prédio a ser construído na Inglaterra com a função de encarceramento. Localiza-se na cidade de Hexham, Northumberland, Inglaterra, antigo condado de Hexhamshire. Foi erguida por ordem de William Melton, Arcebispo de York entre 1330 e 1333.

Até 1820 os prisioneiros do condado de Hexham eram mantidos nesta penitenciária, mas após a construção de uma nova unidade prisional no condado em 1828, a prisão de Hexham passou a ser utilizada apenas para ladrões de menor periculosidade. Recentemente, o prédio teve uma variedade de usos, inclusive como banco e clube de bilhar. Nos anos 70, o prédio estava em péssimas condições, mas foi reparado e inaugurado como museu e centro de informações turísticas pelo governo britânico. Hoje, o museu oferece visitas guiadas, onde o turista pode vivenciar as condições do confinamento na antiga prisão.

2.5. Itália.

Na Itália, o presídio conhecido como *Carcere Borbonico di Santo Stefano*, localizado na pequena ilha de Santo Stefano, no Mar Tirreno, também tem atraído a atenção dos visitantes

da região, que incluem o passeio à prisão em suas viagens devido à arquitetura da construção e ao significado histórico. A arquitetura seguiu o modelo panóptico, sendo um dos primeiros estabelecimentos penais do mundo a segui-lo. Passou por diversas reformas, até ser desativado em 1965.

O presídio, cuja construção remonta a 1795, surgiu sob o reinado dos Bourbons de Nápoles. Contudo, algumas pessoas que visitaram a prisão - o que inclui excursões escolares - reclamaram do descaso das autoridades governamentais quanto à preservação da edificação. Veremos adiante, que a má conservação também ocorre no Brasil, todavia, sem que essa condição seja objeto de reclamações por parte dos visitantes.

2.6. México.

No México, a pesquisa identificou o Museu Arqueológico de *Veracruz del Fuerte de San Juan Ulua* como ponto de interesse. Sua origem remonta ao período da colonização, tendo sido planejada por Hernán Cortés, ainda no século XVI. Inicialmente, o local serviu como uma fortaleza de proteção do litoral espanhol.

Durante os séculos, a fortaleza apresentou inúmeros usos, tendo sido sede, inclusive, do Poder Executivo mexicano. O *Fuerte de San Juan Ulua* é chamado de “*Quatro Vezes Heróica*”, tendo em vista que defendeu a soberania nacional mexicana em quatro oportunidades: a) Em 1825, na expulsão das tropas espanholas; b) Em 1838, na resistência contra uma invasão francesa; c) Em 1847 e 1914, contra invasões estadunidenses.

Sua utilização como penitenciária somente ocorreu no século XIX, sendo considerada, inclusive, a mais formidável de seu tempo em seu hemisfério. A importância histórica

da fortaleza é ressaltada pela presença de alguns presos famosos, tais como Fray Servando Teresa de Mier e Benito Juárez. As paredes dos edifícios serviram como inspiração para contos populares, como a *La Mulata de Córdoba*, segundo a qual uma presa teria se utilizado, para escapar, de uma pintura de um navio em uma parede.

Quando os Estados Unidos invadiram o México e chegaram àquela prisão constataram uma situação deplorável, pois centenas de presos estavam reclusos em pequenas celas, sendo muito forte o odor fétido que o local emanava. Além disso, muitos indivíduos estavam infectados por pragas. Por ordens de um general americano, os presos políticos foram libertados e os presos comuns foram transferidos para prisões mais higiênicas. Após a retirada dos encarcerados, o local parou de ser utilizado como estabelecimento penal.

Desde de 1984, o *Fuerte de San Juan Ulua* funciona como um museu penitenciário, estando aberto a visitação pública, sendo um importante polo turístico da região.

2.7. África do Sul.

Em continente africano, encontra-se um dos presídios desativados mais interessantes do mundo: o de *Robben Island*, situado na Baía de Table, na Cidade do Cabo, que serviu de prisão para presos políticos que se opuseram ao regime do *Apartheid*. O mais conhecido preso que nele esteve foi Nelson Mandela, encarcerado por vinte e sete anos. Anote-se, entretanto, que apenas parte da pena imposta ao vencedor do Prêmio Nobel da Paz, Mandela, foi cumprida em *Robben Island*. Mandela cumpriu pena lá até 1982. O restante da pena (que originalmente era perpétua) foi cumprido nas prisões de *Pollsmoor* e *Victor Verster*.

A localização isolada de *Robben Island* e a facilidade em se monitorar os presos eram fatores que tornavam praticamente impossível a realização de fugas com sucesso. A prisão de *Robben Island* também serviu de prisão para presos comuns (não políticos).

Construída no século XVII, o presídio funcionou entre os anos de 1657 a 1921, oportunidade em que foi convertida a um hospital colonial. Durante os anos de 1939 a 1959, a edificação passou a ser utilizada como uma base naval. Por fim, entre os anos de 1961 a 1996, funcionou como cárcere para presos.

Durante o *Apartheid*, tanto os presos políticos, quanto os presos comuns eram transferidos para o local. Entretanto, em razão da forte repressão étnica vivenciada pela África do Sul, apenas homens negros estavam reclusos em *Robben Island*. O presídio somente foi fechado em 1996, oportunidade em que se tornou patrimônio histórico nacional, tendo sido transformada em museu já em 1997.

Ressalte-se que o local arrecada US\$ 10 milhões anualmente, sendo 60% desta quantia gerada pelo turismo cultural. A preservação do presídio e de todas as demais instalações que lhe eram funcionais na ilha desperta grande interesse das pessoas que vão para a África do Sul e para a Cidade do Cabo. No local, abundam informações sobre o regime do *Apartheid*. Auxilia enormemente a compreender que a jornada em busca de uma nação pacífica e unida é dolorosa e marcada por percalços e injustiças. Ademais, permite a imersão das pessoas no dia-a-dia de um estabelecimento penal de grande importância política, inclusive podendo contar com guias que foram presos de fato em *Robben Island*. Os visitantes podem sentir o isolamento e as duras condições às quais os presos eram submetidos, presos esses que tinham como principal atividade laborativa quebrar pedras.

2.8. França.

Diversas unidades prisionais desativadas servem como pontos de visitação turística na França. Dentre muitos, destaca-se *La Prision de la Mott e Castrale de Saint-Omer*. Originalmente, o local foi construído como um castelo, no século X, sendo o primeiro da região. Na constru o, vivia o *Ch telain de Saint-Omer*, o qual vigiava a região para o governante. Quando o nobre perdeu tal fun o, o castelo foi transformado em prisão.

No século XVIII, o castelo foi destruído e substituído por um presídio do tipo *Vauban*⁷, uma sólida estrutura de pedras de três andares. Tal constru o ainda resiste e passou, recentemente, por uma restaura o. As celas são abertas   visita o, narrando, principalmente, o papel da região na história francesa, uma vez que ela funcionou como sede do *Grand Quartier Général* da armada britânica durante a Segunda Guerra.

Também foi analisada a prisão que funcionou em Guingamp, construída no noroeste francês no século XIX. Foi um local que serviu como um laboratório, pois permitiu testar os ideais iluministas aplicados aos sistemas de encarceramento.

O cárcere previa dois sistemas de regimes prisionais: a) isolamento parcial em celas durante a noite, e trabalho comum durante o dia, funcionando como uma espécie de regime semiaberto, e ao mesmo tempo; b) isolamento total, isto  , durante o dia e a noite.

Constatou-se ótima avalia o do passeio   prisão de Guingamp por parte dos visitantes, os quais consideram que o local apresenta uma atmosfera carregada de uma história

7 Referência ao grande arquiteto militar Sébastien Le Prestre de Vauban, que viveu no século XVII.

dolorosa.

Apresentando fortes ligações com a história e a cultura francesa, o *Le Château D'If* foi construído entre os anos de 1527 e 1529, com o objetivo de proteger a costa mediterrânea e proteger a cidade de Marselha. A prisão local foi utilizada até o ano de 1871, tendo sido imortalizada em razão de dois eventos culturais e históricos: a) o misterioso “Prisioneiro da Máscara de Ferro”, dissidente político contrário ao Rei Luís XIV; b) O escritor Alexandre Dumas escolheu *Le Château D'If* para encarcerar Edmond Dantes, o futuro Conde de Monte Cristo. De acordo com o administrador do local, tais presos famosos são a principal razão de o local ser tão procurados por turistas.

La Citadelle de Doullens, construída, no norte da França, durante os séculos XVI e XVII, foi preservada por se tratar de um dos mais belos conjuntos de arquitetura militar da época moderna. Apesar da origem militar, no ano de 1659, o local foi transformado em uma prisão feminina. Durante a Primeira Guerra Mundial, por estar localizada a cinquenta quilômetros do front, La Citadelle foi utilizada como hospital. Atualmente, os passeios são organizados pelo *Office de Tourisme de Doullens*, nos quais se permite conhecer seu interior, as celas, bem como as informações sobre o cotidiano das mulheres reclusas no local.

A unicidade justifica a preservação de *La Musée de Rouergue*. Este foi o primeiro estabelecimento prisional celular da França, construído em 1838, sendo que sua arquitetura era marcada pela maior garantia da higiene e dignidade dos encarcerados, tendo em vista que os homens ficavam na ala da direita e as mulheres ficavam na ala oposta. Já o pavilhão central funcionava como uma capela. Entretanto, no ano de 1933, o local foi fechado, pois os presídios foram centralizados no país.

Atualmente, as celas do primeiro andar foram convertidas em bibliotecas próprias do museu, existindo cerca de seis mil livros no acervo. Entretanto, o acesso a tais materiais é restrito a pesquisadores. O restante do museu é de amplo acesso ao público.

2.9. Suíça.

Situado às margens do Lago Genebra, *Le Château de Chillon* foi construído no século XIII, sendo formado por mais de cem construções interligadas. Uma destas construções era utilizada como uma prisão. No local, foi detido o famoso Prisioneiro de Chillon (François Bonivard, 1493-1570), o qual inspirou o célebre poema de Lord Byron.

Demonstrando a força do turismo do Château, já no ano de 1939 o conjunto arquitetônico atraía mais de cem mil visitantes por ano. Atualmente, o local recebe cerca de trezentos e setenta e cinco mil visitantes por ano.

A Suíça é um país que possui uma das condições de aprisionamento mais humanizadas do mundo. Por isso, não se registram edificações mais recentes que sirvam para o resguardo da memória de erros e desumanidades praticadas. Ainda assim, surpreende que o país faça questão de preservar o local estudado, que servirá sempre como parâmetro do que é uma prisão medieval. E note-se que as instalações celulares das antigas prisões medievais são semelhantes às atuais cadeias de diversos países no mundo, entre os quais está destacadamente o Brasil.

2.10. Argentina.

No extremo sul da América Latina, também existe o uso turístico de uma prisão desativada. Na Argentina, na

cidade de Ushuaia, funciona o museu do “Presídio do Fim do Mundo” que, em sua história, abrigou condenados de alta periculosidade, predominantemente reincidentes, em sua maioria condenados a prisão perpétua.

O presídio contava com 30 setores de trabalho e oficinas que atendiam as necessidades não somente do cárcere, mas de toda a cidade. Nesse presídio funcionou ainda um hospital, inaugurado em 1943, que por muito tempo foi o único da região. Um dos pontos mais curiosos do passeio é a visita a uma ala que se encontra tal como foi deixada quando de seu fechamento, em 1947.

Em abril de 1997, o edifício foi declarado um Monumento Histórico Nacional por lei do Congresso Nacional, restaurado para acolher a Marinha Argentina e o Museu Marítimo de Ushuaia.

Interessante observar que as razões que levam as pessoas a visitarem o museu é de ordem psicológica. Segundo a administração do local, as pessoas são motivadas pela curiosidade de ter contato com o que lhes é estranho, mas sem tanta aproximação. Relata que os visitantes observam o cárcere do passado, que ainda existe em outras localidades atualmente, mas que não passa de uma realidade incompatível com suas vidas.

A instalação de uma unidade prisional no “fim do mundo” é um excelente exemplo do desejo social de que os detentos sejam afastados ao máximo do convívio na sociedade.

2.11. Austrália.

Na Austrália, muitas prisões foram inspiradas nas *workhouses* da Inglaterra, que eram centros de trabalhos destinados a alocação de pessoas em situação de extrema

pobreza, as quais se submeteriam a atividades extenuantes por não terem outras alternativas. Tais indivíduos iam para as *workhouses* para viver e trabalhar. A *workhouse* mais antiga de que se tem notícia data do ano de 1652.

O modelo de prisão australiano funcionava como uma prisão-trabalho para os condenados na Inglaterra a uma pena de extradição.

Na *Cascades Female Factory Historic* – localizada em Hobart, Tasmânia, apesar de se tratar de uma *workhouse* destinada exclusivamente para as mulheres, as punições impostas às prisioneiras eram cruéis e o regime de trabalho degradante.

Em meados do século XIX, a *Cascades Female Factory* foi subdividida para melhor aproveitar sua estrutura. Uma parte do prédio passou a funcionar como um asilo para homens inválidos; em outra parte, como um asilo para mulheres inválidas. Também foi instalado um reformatório juvenil, bem como dois hospitais, sendo um para doenças mentais e outro para doenças contagiosas.

Deixou de ser cárcere feminino, em 1877. Todas as demais instituições ali instaladas foram sendo desativadas, gradativamente, até o ano de 1904.

Atualmente, o local abriga um museu, cuja preservação tem por finalidade evitar que as presentes gerações se esqueçam das barbáries praticadas contra as mulheres encarceradas. O local também é importante para compreender que a Inglaterra aumentou sua influência além-mar através do transporte e remoção de suas condenadas.

Ainda na Austrália, funcionou, entre os séculos XIX e XX a *Old Melbourne Gaol*, estabelecimento prisional marcado pela crueldade com que os reclusos eram tratados. No local, foram enforcados cento e trinta e três presos em pouco mais de trinta anos de atividades. A prisão abrigava indivíduos

condenados pela mais variada gama de crimes, não havendo preocupação em separar crimes graves dos leves. Os sem teto e deficientes mentais também eram trancados na instituição, mesmo que não tivessem praticado delito algum, em condições flagrantemente desumanas.

O presídio encerrou suas atividades em 1929, permanecendo fechado até o ano de 1972, oportunidade em que a *National Trust of Australia* (organização que promove a conservação do acervo histórico australiano) assumiu a gestão do local, inaugurando um museu aberto a visitação.

O objetivo principal em preservar a *Old Melbourne Gaol* é não perder a memória dos abusos ocorridos nos presídios australianos, alertando a população mais jovem da importância em se garantir os direitos humanos a todos. Para alcançar tal objetivo, o visitante do museu pode participar de uma simulação, assumindo o papel de um prisioneiro trancado em uma das celas.

Na cidade de Port Arthur, na Tasmânia, encontra-se um presídio que leva o mesmo nome, estando hoje desativado. Foi inaugurado em 1830 e era o destino dos prisioneiros ingleses condenados à extradição. Diferentemente dos demais, nesse local os presos trabalhavam para garantir um rendimento que era utilizado na manutenção do estabelecimento penal. Tal forma de administração obteve sucesso rápido, tanto que um hospital e um polo industrial eram lá mantidos.

Sucedeu, entretanto, que o presídio entrou em colapso a partir de 1870, pois o número de condenados passou a diminuir e, além disso, os presos ali existentes envelheceram e não mais conseguiam manter o ritmo de trabalho de antes.

Curiosamente, após encerrar as atividades como presídio em 1877, o local foi ocupado pela população das redondezas. Após o agrupamento humano originar uma

cidade, o fluxo de turistas se iniciou, tendo em vista que muitos tinham interesse em entender a histórica local. Apurou-se que o fato de Port Arthur ter funcionado como uma prisão não é o fator primordial para a vinda dos visitantes⁸.

Chama a atenção, na Austrália, a existência do *Australian Convict Sites*. Trata-se de patrimônio da humanidade consistente em onze remanescentes estabelecimentos penais originalmente construídos durante o domínio inglês dos séculos XVIII e XIX, em faixas costeiras férteis do litoral (*Sydney, Tasmânia, Norfolk Island, and Fremantle*). Atualmente, o *Australian Convict Sites* representa o melhor exemplo vivo do transporte de condenados em larga escala e sua relação com a expansão colonial do domínio da Europa por meio da presença e trabalho dos condenados.

Os onze estabelecimentos penais e suas localizações são: *Cockatoo Island Convict Site (New South Wales)*, *Great North Road (New South Wales)*, *Hyde Park Barracks (New South Wales)*, *Old Government House (New South Wales)*, *Kingston and Arthurs Vale Historic Area (Norfolk Island)*, *Brickendon and Woolmers Estates (Tasmânia)*, *Cascades Female Factory (Tasmânia)*, *Coal Mines Historic Site (Tasmânia)*, *Darlington Probation Station (Tasmânia)*, *Port Arthur (Tasmânia)* e *Fremantle Prison (Western Australia)*.

3. Os países que preservaram a memória do holocausto.

Entre marcas mais ignóbeis deixadas pela Segunda Grande Guerra, a mais triste foram os massacres praticados nos

8 A diretora de infraestrutura do museu, Jane Harrington, mencionou que a paisagem rural da região é bastante destacada pelos visitantes.

locais de detenção denominados “campos de concentração”. Os países europeus que serviram de base para tais ações não apagaram as luzes sobre os palcos infamantes. Não esconderam a própria vergonha, para que a lição permaneça, seja sempre estudada e os erros não se repitam.

3.1. Polônia.

Na Polônia, país que na Segunda Guerra Mundial foi cenário de grandes e variadas atrocidades contra judeus, a pesquisa levantou dados do Museu e Memorial de Auschwitz-Birkenau, o maior campo de concentração da Europa.

A finalidade precípua do local é preservar a estrutura de Kirkenau e a memória do que se passou em suas dependências. É notável que o local tenha sido aberto à visitação pública, com boa estrutura e explícitos objetivos educacionais, e inclusive, com o estabelecimento de um Centro Internacional para a Educação sobre Auschwitz.

O campo de Auschwitz foi criado em 1940 pelos alemães. A razão fundamental da criação do campo foi o fato de que as prisões em massa de poloneses cresceram muito além da capacidade das prisões locais já existentes. O primeiro transporte de poloneses chega a Auschwitz em 14 de junho de 1940. O campo mais antigo, conhecido como Auschwitz I, continha entre quinze e vinte mil prisioneiros. O complexo possuía um segundo campo, o de Birkenau, que ficou conhecido como Auschwitz II, contendo cerca de noventa mil prisioneiros. Era nesta parte que se encontrava a maior parte do aparato de exterminação em massa.

Mais de 40 subcampos que usavam os prisioneiros como mão-de-obra escrava foram criados entre 1942 e 1944. O maior deles se chamava Buba, e foi aberto em 1942 a cerca de 6 quilômetros de Auschwitz. Em setembro de 1943, Buna

tornou-se a base do comandante da terceira parte do campo, chamado Auschwitz III, aos quais outros subcampos eram subordinados.

3.2. Alemanha.

Em território alemão, primeiramente, foi pesquisado o *Sachsenhausen Memorial and Museum*. Trata-se de um campo de concentração da Segunda Guerra Mundial, localizado na cidade de Oranienburg, distante 35 km de Berlim, para onde eram destinados não apenas os judeus feitos prisioneiros, mas sim todos os grupos contrários ao regime nazista, incluindo professores, políticos, ciganos e homossexuais, entre outros.

O campo de concentração foi construído em 1936 e funcionou até o ano de 1945, oportunidade em que os soviéticos assumiram o controle do local, transformando-o, entre anos de 1945 a 1950, em uma prisão para os nazistas. O campo de concentração foi cenário de barbáries diversas: fuzilamentos, trabalhos forçados e experimentos médicos em prisioneiros. Aproximadamente duzentas mil pessoas passaram pelo campo entre 1936 e 1945, sendo que metade morreu de doenças, desnutrição e pneumonia. Ademais, dezoito mil presos militares soviéticos foram fuzilados lá.

Nos 5 anos de administração russa, pelo local passaram sessenta mil prisioneiros, entre jovens alemães (de 15 a 18 anos de idade) e ao menos seis mil oficiais alemães, presidiários, funcionários do regime nazista, anticomunistas e russos, incluindo colaboradores nazistas e soldados que contraíram doenças sexualmente transmissíveis. Valas comuns do período soviético foram encontradas em 1990. Cerca de doze mil pessoas morreram lá no período de 1945 a 1950.

Em 1961, o museu foi fundado, sendo administrado por particulares. Não apenas foram preservadas as estruturas restantes, mas, também algumas partes destruídas pela invasão soviética foram reformadas, garantindo que o prédio mantivesse sua fachada e arquitetura originais. A partir de 1993, o museu passou a ser financiado por uma fundação mantida pelo Governo da Alemanha, bem como pelo Estado de Brandenburg.

O campo de concentração foi convertido em um museu a fim de que os massacres em série promovidos pelo regime nazista jamais sejam esquecidos, na tentativa de evitar que ocorram novamente.

Já no campo de concentração de Dachau, a criação de um museu foi mais trabalhosa do que em Sachsenhausen. Neste, com o fim da Guerra, sua estrutura foi, imediatamente, preservada e reconstruída para que o espaço fosse aberto para visitação. Em Dachau, todavia, ocorreu certo descaso por parte das autoridades locais.

No ano de 1955, os indivíduos que sobreviveram ao cárcere no local se uniram e criaram o Comitê Internacional de Dachau. A partir de então iniciaram-se os esforços para preservar a lembrança dos horrores do campo de concentração, sendo que somente em 1965 foi inaugurado o *Dachau Concentration Memorial Site*.

Dachau chegou a deter mais de duzentas mil pessoas de mais de 30 países, sendo que a partir de 1941 exterminou aproximadamente trinta mil pessoas. Dachau é referência não somente por ter sido um dos maiores campos de concentração, mas também porque foi o primeiro construído após Hitler assumir o poder.

Em 2003, a *Bavarian Memorial Foundation* assume a administração do museu, sendo objetivo da instituição a preservação das memórias dos crimes perpetrados

pelo partido nacional socialista, além de manter vivas as informações de um triste momento da história alemã e da própria humanidade.

Destaca-se, também, na Alemanha, o Campo de Concentração e Memorial Judaico de Neuengamme. Teve origem no ano de 1938, funcionando como campo de concentração de 1940 até 1945, quando foi desativado pelos ingleses.

Em suas dependências, alguns de seus prisioneiros eram utilizados como cobaias em experimentos médicos e científicos. Outros eram explorados na indústria armamentista alemã. Inaugurado como subcampo de Sachsenhausen, o campo de concentração de Neuengamme cresceu rapidamente, incluindo aproximadamente dez mil prisioneiros em agosto de 1943. Ao todo, os nazistas encarceraram mais de cem mil pessoas até 1945. Cerca de treze mil e quinhentas eram mulheres. No início das atividades do campo, haviam poucos judeus detidos, entre trezentos e quinhentos em 1942. Todavia, ao final eram cerca de treze mil.

No local hoje também funciona um Museu, cujas instalações originais foram preservadas, sendo que o acervo é aberto à visita e rotativo, com inúmeras exposições. Desde 1981 foi aberta a exposição permanente na casa de documentos. Pouco a pouco, partes adicionais do recinto foram incluídas na visita, até que, finalmente, em 2005, um Memorial foi entregue ao público. Desde 2006, toda a área do campo de concentração pertence ao Memorial. Atualmente, o Memorial compreende o campo de concentração antigo de Neuengamme de 570.000 m² no qual estão preservadas 15 edificações do campo de concentração. É um dos maiores memoriais de campos de concentração da Alemanha.

3.3. França.

La Prision de Montluc foi inaugurada, em 1921, na cidade de Lyon, para funcionar como uma prisão militar. Entretanto, durante a Segunda Guerra, após a invasão alemã na França, o local passou a ser usado também como ponto de deportação e execução de mais de dez mil homens, mulheres e crianças. É um local de visitação famoso por representar uma referência da repressão nazista na região de Lyon, bem como à França de Vichy.

A partir de 1947 tornou-se prisão civil e foi desativada em 2009, época final em que funcionava como prisão feminina. Tendo em vista as atrocidades praticadas pelo nazismo, foi inaugurado, em 2010, o Memorial Nacional da Prisão de Montluc, com o objetivo de homenagear as vítimas deportadas e assassinadas no período da Segunda Guerra.

3.4. Bélgica.

O Forte de Breendonk começou a ser construído em 1909 com o fim de melhorar as defesas locais. Quando a primeira Grande Guerra começou, em julho de 1914, o forte ainda não estava pronto, sendo que foi bombardeado pela primeira vez em 1 de outubro de 1914.

Em 16 de Maio de 1940, as forças aliadas deixam o forte, cuja defesa havia se tornado insustentável. Então iniciou-se a ocupação alemã, sendo que em 20 de setembro de 1940, foram trazidas as primeiras vítimas, tornando o local, oficialmente, um campo de prisioneiros, que serviria inicialmente como posto de trânsito para judeus que eram enviados aos campos de extermínio. O forte também serviu para a detenção de prisioneiros políticos e membros da Resistência.

O regime estabelecido no local pelos nazistas era muito pior que nos demais campos de concentração. A subnutrição

e os trabalhos forçados degeneraram o corpo e a mente das pessoas presas em Breendonk, contexto que ficou conhecido como “O inferno de Breendonk”, nas palavras de Franz Fischer.

Estimativas aferem que, entre os anos de 1940 e 1944, cerca de três mil e quinhentos prisioneiros foram encarcerados no local, um número de detentos que pode ser considerado reduzido, quando comparados com os demais campos de concentração.

O Forte de Breendonk é um dos vinte e dois campos de concentração cujo nome está gravado em *Yad Vashem* - memorial do Holocausto localizado na cidade de Jerusalém.

Atualmente, no local funciona um Memorial que recebe cerca de cem mil visitantes por ano, sendo que as excursões escolares correspondem por 65% deste público. O Memorial funciona em razão do assumido dever de não esquecimento do triste passado, alertando as novas gerações dos riscos que os discursos de ódio suscitam.

4. Locais visitados no Brasil.

O Brasil também apresenta antigas prisões desativadas que podem ser visitados pelo público interessado, bem como museus. Todavia, no Brasil, os estabelecimentos penais transformados locais de visita decorreram mais de contingências históricas e conveniências políticas, devido à ausência de uma política nacional de preservação da memória carcerária.

Abaixo, serão mostrados alguns casos em que se desejou preservar a memória de uma realidade histórica nacional por meio da manutenção dos prédios que serviram como cadeias e da estruturação de museus.

4.1. Memorial da Resistência.

O Memorial da Resistência se situa no centro da cidade de São Paulo - no Largo General Osório, nº 66 - funcionando no local em que se situava o antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo - Deops/SP. É vinculado à Pinacoteca do Estado de São Paulo, sob gestão da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

O estudo da criação do Memorial da Resistência revela que sua vinculação à Secretaria de Cultura é a explicação para o fato deste ser o local que melhor atende aos fins de preservação de memória carcerária, entre aqueles pesquisados no Brasil. Isso possibilitou que forças políticas atuantes se sobrepusessem a outras em sentido contrário, interessadas na ocultação do que ocorreu nos porões do Deops/SP.

Referido departamento funcionou entre os anos de 1940 a 1983, servindo a dois governos totalitários: o Estado Novo de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar das décadas de 1960 e 1970.

O prédio não era uma penitenciária, mas sim uma delegacia, para a qual os presos políticos eram destinados provisoriamente, antes de serem transferidos para os estabelecimentos penais comuns.

Como forma de manter a memória dos eventos ocorridos, o Memorial da Resistência é parcialmente musealizado e tem declaradamente como objetivo

*fazer dessa instituição um espaço voltado à reflexão e que promova ações que contribuam para o exercício da cidadania, o aprimoramento da democracia e a valorização de uma cultura em direitos humanos*⁹.

⁹ Disponível em <http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=4&c=83&s=0> acesso em 3 de maio de 2016.

No local está também preservada uma cela com a sua estrutura original, exemplificando como um detido passava seus dias ali. Outras três celas foram reformadas para que ostentassem painéis explicativos sobre o período. O programa museológico do Memorial da Resistência permite procedimentos de pesquisa, salvaguarda (documentação e conservação) e comunicação patrimoniais (exposição e ação educativo-cultural), cujas orientações são dirigidas para os temas da resistência, do controle e da repressão política.

4.2. Ilha Anchieta

A Ilha Anchieta fica localizada no município de Ubatuba, litoral norte do Estado de São Paulo. Nela funcionou um presídio. Atualmente, o local é protegido pelo Parque Estadual da Ilha Anchieta.

Os problemas do presídio que funcionava em tal localidade começaram antes mesmo da sua construção, uma vez que quatrocentas e doze famílias de colonos e caiçaras foram desalojadas, em 1902, para que o terreno ficasse disponível.

O presídio funcionou até o ano de 1914, oportunidade em que foi desativado e os detentos foram transferidos para o município de Taubaté. Entretanto, na década de 20, período em que a política nacional encontrava-se conturbada, o local foi reativado, passando a funcionar como local de detenção para presos políticos. Em 1942, o local recebeu o nome de Instituto Correccional da Ilha Anchieta, sendo o destino dos detentos de maior periculosidade do Estado.

Havia bastante animosidade entre facções rivais, que se enfrentavam no pátio e era grande o trabalho para conter estes conflitos. O principal líder dos presos era João Pereira Lima, apelidado “Pernambuco”. Com a chegada do preso

Álvaro da Conceição Carvalho Farto, alcunhado “Portuga”, para cumprimento de pena, ocorre grande mudança no panorama do estabelecimento penal. Álvaro da Conceição era formado em engenharia e muito inteligente. Aos poucos, influenciou os demais presos e organizou a rotina carcerária, inclusive atribuindo funções específicas a cada um dos detentos para organizar a vida interna, o que diminuiu os conflitos.

Então, já empoderado e líder, Álvaro da Conceição arquitetou uma rebelião, que incluía a tomada do presídio e das armas que ficavam no quartel do Morro do Papagaio. Assim, uma tragédia selou a desativação do presídio da Ilha Anchieta. Em 1952, ocorreu sangrenta rebelião, com diversas mortes e mais de quatrocentos e oitenta fugas.

Atualmente, o presídio está em ruínas. Assim mesmo, realizam-se visitas guiadas e os visitantes podem interagir com o que restou das celas antigas, inclusive as solitárias. Pinturas e rabiscos feitos pelos presos nas paredes do local foram preservados. Todavia, isso não é suficiente para potencializar o clima de imersão na realidade do período.

4.3. Ilha Grande

Na Ilha Grande, litoral do Rio de Janeiro, desde fins do século XIX começaram a ser instalados presídios. Inicialmente, funcionaram, sucessivamente, presídios e instituições de saúde.

A primeira vez que a Ilha Grande foi usada como presídio foi em 1890, utilizando-se o Lazareto, construído em 1880, que servira de local de quarentena para passageiros oriundos da Europa, onde havia surto de febre amarela e cólera. Em 1914 voltou a ser utilizado como Lazareto e, em 1917 passou para a administração do Ministério da Marinha,

para atender às necessidades de encarceramento de mais de mil presos políticos. Os soldados revolucionários da Revolução Constitucionalista de São Paulo, de 1932, também foram levados para o Lazareto da Ilha Grande. Assim, o Lazareto foi utilizado como presídio militar em diversas ocasiões, inclusive para os opositores do regime de Vargas.

Por outro lado, o primeiro estabelecimento penal da Ilha Grande, assim concebido, foi a Colônia Correccional Dois Rios, instalada em 1894, com a finalidade específica de reabilitar os contraventores reincidentes. Seus prédios foram transformados em Penitenciária Agrícola do Distrito Federal, em 1938; depois, em 1942, tornou-se o Instituto Penal Cândido Mendes - IPCM, sendo transferida para outra parte da Ilha. O IPCM permaneceu ativo até 1994.

Neste ano, o presídio foi extinto pelo governo do Rio de Janeiro, por força das pressões de empresários dos setores de turismo e imobiliário. Na área em que o estabelecimento penal estava pretendia-se instalar um grande hotel. Todavia, isso não ocorreu e a área foi cedida à Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, onde foi estabelecido o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável - CEADS.

Recente estudo concluiu que “os elementos: presídio, preservação e turismo têm se alternado e articulado constantemente, dominando a vida local, desde longa data” (FERREIRA, 2010, p. 31).

A história das prisões de Ilha Grande é rica, apesar de desumana. Trata-se de local por onde passaram presos muito conhecidos, fosse por motivos políticos ou pela prática de delitos comuns, como por exemplo, Graciliano Ramos, Madame Satã (famoso malandro da Lapa nos anos 30), Nelson Rodrigues Filho e Rogério Lengruber, o “Bagulhão” (ex- líder da facção Comando Vermelho).

Outro fato marcante ligado a Ilha Grande é o de que o Comando Vermelho se estruturou, entre as décadas de 70 e 80, graças ao descumprimento de uma regra básica de encarceramento, qual fosse, a da separação de presos condenados por diferentes naturezas. Assim, foi da promiscuidade intelectual e cultural entre presos políticos e presos comuns ocupando o mesmo espaço que surgiu a facção criminosa Comando Vermelho.

Seria fundamental que o visitante daquele local pudesse ter acesso a esse tipo de informação, qual seja, o que de o surgimento do crime organizado é produto da negligência e imperícia do próprio Estado.

Em 1993, o IPCM foi desativado, sendo quase todo implodido no ano seguinte. Entretanto, a UERJ tornou-se concessionária do que restou das antigas instalações do local, criando um bom e pequeno museu sobre a alimentação carcerária na antiga padaria que ali funcionava.

Com exceção do Museu, o local todo está em péssimo estado de conservação. Em ruínas. As partes detonadas do IPCM não podem ser visitadas, pois podem desabar. Pode-se chegar às ruínas do Lazareto, mas não há mínima estrutura receptiva. A imersão é praticamente impossível. Histórias e informações relevantes sobre o local não são transmitidas aos visitantes.

4.4. O Carandiru.

O complexo do Carandiru, como ficou conhecido, era composto pela Penitenciária do Estado, a Casa de Detenção, a Penitenciária Feminina da Capital e pelo Instituto de Classificação e Triagem. Um local marcado pela superpopulação carcerária e desumanidades.

No ano de 2002, autoridades governamentais estaduais em São Paulo autorizaram a implosão de parte significativa

do maior presídio da América Latina. Essa medida foi produto de uma decisão política tomada principalmente em razão do massacre de 111 presos ocorrida no ano de 1992, quando uma operação policial realizada pelo Batalhão de Choque da Polícia Militar do Estado de São Paulo invadiu o estabelecimento penal para controlar um conflito e culminou com a morte de 111 presos, segundo dados oficiais. Os presos afirmam que foram mais de 250 entre os mortos e feridos (VARELLA, 1999, P. 295).

Os policiais militares que protagonizaram o triste episódio que se convencionou denominar “O Massacre do Carandiru” foram denunciados e condenados criminalmente por homicídio doloso, em julgamento pelo Tribunal do Júri, em 2014. Contra tal condenação foi desafiado recurso.

Aquilo que viria a ser o complexo penitenciário do Carandiru iniciou-se em 21 de abril de 1920 com inauguração da Penitenciária do Estado. Essa unidade prisional foi um marco importante na história do encarceramento no Brasil, não somente por sua arquitetura, mas também porque nela seriam – e até foram por algum tempo – desenvolvidas atividades eficientes para a socialização do detento. No ano de 1956, após algumas ampliações e novas construções, o local ganhou outros pavilhões e, a despeito da falta de investimentos e do crescimento exponencial do número de detentos concentrados no Complexo do Carandiru, este foi considerado uma das prisões mais seguras do mundo.

Após o Massacre do Carandiru, o Complexo passou por um longo período de desativação e foi, aos poucos, entrando para o esquecimento. Os pavilhões 6, 8 e 9 foram implodidos em 2002 e, poucos anos depois, os pavilhões 2 e 5 também. No local dos prédios destruídos foram construídos um parque para lazer e esporte (**Parque da Juventude**). **Também foram construídas** duas Escolas Técnicas, sendo

que apenas nestas últimas foram conservadas as estruturas dos antigos pavilhões 4 e 7.

A despeito da implosão da maior parte do prédio em que funcionava o presídio, o Massacre do Carandiru inspirou filmes, músicas e livros, e é lembrado até hoje por instituições engajadas na problemática do encarceramento no Brasil. Ademais, o Carandiru era um local de privação de liberdade rico em histórias de vida.

A destruição das estruturas prisionais certamente trouxe alívio àqueles que habitam os arredores do extinto estabelecimento penal. Mas, por outro lado, também implodiu uma parte da história de graves erros contra a humanidade, que poderia ser melhor preservada através da reforma dos pavilhões, transformando-os em locais de visitação destinados ao tema penitenciário, tal qual ocorre em diversos locais ao redor do mundo, conforme visto acima.

4.5. O Museu Penitenciário Paulista.

O Museu Penitenciário Paulista teve seus primeiros delineamentos com a criação do Serviço de Biotipologia Criminal, por meio do Decreto nº 10.773/39. Entre as competências desse serviço, figurava a organização de um museu penitenciário que visasse a valorização do estudo e a divulgação da evolução da pena no Estado de São Paulo.

A história do Museu é intrinsecamente relacionada à da Penitenciária do Estado porque, logo após sua inauguração na década de 1920, foi desenvolvido um programa de recuperação dos sentenciados por meio da arte, o que deu origem a diversas obras que hoje se encontram expostas no Museu. Sua constituição legal data de 1939, e seu endereço era o salão nobre da Penitenciária do Estado.

Em atividade de pesquisa, visitamos o Museu Penitenciário Paulista e confirmamos, em parte, as razões

de sua criação: ser um espaço destinado à reflexão acerca da história penitenciária paulista e do instituto da pena privativa de liberdade no país. No entanto, esse discurso merece maior profundidade e crítica.

Ao longo de toda a exposição no museu, o que se mostra é uma faceta de humanização que não corresponde à realidade prisional brasileira. A exibição de quadros pintados por presidiários revela uma valorização da individualidade dos presos por parte do Estado que na prática não existe.

Os reais desafios do sistema brasileiro não são mostrados pelo museu: o Brasil como país que possui a terceira maior população carcerária do mundo; as condições da população prisional, que carrega e desenvolve continuamente os sentimentos de inferioridade e impotência, perda de identidade e empobrecimento psíquico (SÁ, 1998, p. 120); a não implementação de métodos e experiências de sucesso na administração penitenciária (como, por exemplo, as APACs de Minas Gerais); precariedade de trabalho e educação nas prisões; deficiência severa de assistência à saúde; presença forte do crime organizado; etc.

Tampouco o museu faz a referência devida à administração prisional, que é tema consagrado pelo penitenciarismo contemporâneo como sendo decisivo para o bom sucesso de qualquer sistema.

O museu traz exposições confusas de diversos presídios em São Paulo e, embora esteja localizado no espaço do extinto Carandiru, mal rememora o massacre de 1992, referindo-se ao episódio como um “*motim*”, apresentando o fato em uma única e curta linha.

5. Considerações sobre a política de preservação de memória das prisões.

A visita a prisões desativadas e museus correlatos permite a reflexão e o aprendizado sobre diversos aspectos relevantes para a cidadania, a democracia e o desenvolvimento humano. Vejamos.

Do ponto de vista arquitetônico, a relevância decorre da percepção da evolução das relações entre a estrutura predial, a opção política do Estado à época do funcionamento da prisão, os fins de castigo e os ideais de ressocialização do condenado.

Por meio dessas visitas, desde que os locais estejam preservados e estruturados, pode-se compreender a evolução do pensamento penitenciário até o atingimento dos respectivos princípios contemporâneos, por exemplo, o princípio básico da necessidade de separação dos presos conforme sexo, idade, natureza do delito e situação jurídica - isto é, a separação entre acusados aguardando julgamento e presos condenados definitivamente - conforme art. 5º, XLVIII da CF.

Também, as visitas possibilitam constatar o explícito desejo do poder público e da sociedade de manter longe desta última os detentos, pois frequentemente as prisões são instaladas em ilhas ou em locais muito inacessíveis. Essa percepção revela o flagrante descumprimento de um dos princípios elementares da ciência penitenciária, qual seja, justamente, o da indispensável participação da sociedade e da família no cumprimento da pena.

Ainda, por meio das visitas pode-se verificar que a prisão vem sendo historicamente utilizada para afastar do meio aberto certas minorias, como os desocupados, as prostitutas, os viciados e homossexuais, ou ainda, conter aqueles que não pactuam com o sistema político vigente.

Aprende-se e confirmam-se, com isso, as lições sobre o uso das prisões pelo poder público para a manutenção da política dominante e a não alteração dos respectivos contextos sociais alinhados a essa política.

Diante do que acima foi exposto, é tranquilo concluir que o Brasil não somente se recusa a manter a memória de seus erros cometidos no cárcere, como também em nada contribui para o aprendizado de saberes consagrados pelo penitenciarismo moderno, o que explica em parte por que os erros do passado ainda se repetem nas sombrias e quase medievais prisões brasileiras.

O Massacre do Carandiru e outros eventos que também violaram direitos humanos dos detentos no Brasil representam fatos que o poder público se recusa a rememorar, e mais que isso, deseja escondê-los. Literalmente, o Brasil preferiu explodir a memória de seus erros carcerários.

É como se o país estivesse tentando promover a própria amnésia sobre seus problemas penitenciários, na medida em que não efetiva uma política pública de preservação de suas memórias do cárcere. E no pouco que efetiva, o faz muito mal.

De um lado, não exhibe o que deve ser visto e deixa de informar sobre os reais desafios do sistema. De outro lado, maquia o que é vislumbrado pelos poucos visitantes que se dirigem àqueles locais.

Os exemplos brasileiros aqui expostos revelam casos que poderiam ser bem aproveitados para a preservação da memória e aprendizado para as gerações futuras.

Algumas das prisões que existiam nos locais acima citados estão em ruínas ou em mal estado de conservação. Nos museus existentes, aquilo que é apresentado aos visitantes é uma parte irrisória dos importantes saberes que poderiam ser transmitidos sobre as finalidades do sistema

prisional e os inúmeros episódios ocorridos. Contudo, exceção deve ser feita ao Museu da Resistência, que cumpre em parte esse papel.

As tímidas estruturas existentes ou restantes das prisões não dão ao visitante a grandiosa dimensão do que significaram tais locais na história do Brasil. E menos ainda são capazes de contribuir para que o visitante perceba o uso do encarceramento como instrumento de dominação política ou como sistema promotor de déficits sociais inexoráveis e violações de direitos humanos.

Os dados obtidos pela pesquisa em relação às prisões estrangeiras desativadas revelam facilidade de acesso à variada gama de informações relevantes sobre o tema do encarceramento, bem como o desejo real de ensinar a partir dos erros do passado.

Ademais, constatou-se que a preservação desses locais em outros países é um enfrentamento da própria vergonha, verdadeira expiação de um passado ignominioso, o qual não é escondido justamente para que não seja esquecido pelas presentes e futuras gerações, e estas não corram o risco de incorrer nos mesmos erros.

O ideal de socialização do preso poderia ser reforçado no Brasil através de uma política de preservação adequada e de estruturação para visitação dos locais que serviram ao encarceramento. Os museus também carecem de melhor e mais ampla estrutura das exposi es. O escopo legal inscrito no art. 1^o da Lei de Execu o Penal, que também   meta de todo o sistema, consistente em *proporcionar condi es para a harm nica integra o social do preso* sequer   mencionado nos locais visitados.

Com isso, a na o se omite em realizar uma política pública de preserva o de sítios e estrutura o de museus que, como vimos, têm o poder de ativar a reflexão das pessoas

sobre o significado do cárcere, o que permitiria aos indivíduos vencer as naturais tendências humanas de esquecer a própria vergonha e não se confrontar com os erros praticados contra os semelhantes. E o que é pior: a débil política pública brasileira respectiva permite que sejam repetidos os mesmos equívocos do passado. Os gestores públicos carecem do entendimento de que tal política pública, desde que fosse implementada, não significaria reabrir feridas, mas, sim, cuidar bem das cicatrizes, justamente para que as feridas não reapareçam.

Referências

FERREIRA, Helena Catão Henriques. *A dinâmica da participação na construção de territórios sociais e do patrimônio ambiental da Ilha Grande-RJ*. Tese de doutorado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2010.

KELLEY, Sean. The jury is out. *Museums and social issues: a journal of reflective discourse*, vol. 6, n.1. Califórnia: Left Coast Press, 2011, p. 25-38.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. *Tutela do patrimônio cultural brasileiro*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

SÁ, Alvino. Prisionização: um dilema para o cárcere e um desafio à comunidade. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*. São Paulo: Revista dos Tribunais vol. 6, n. 21, jan/março, 1998, p. 117-123.

VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Recebido em 28/07/2016.

Aprovado em 10/08/2016.



Claudio do Prado Amaral

Faculdade de Direito de Ribeirão Preto
Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre
14040-906 Ribeirão Preto, SP
E-mail: cpamaral@usp.br

